

Flutuações e diferenças de género no desenvolvimento da orientação sexual: Perspectivas teóricas

JOANA ALMEIDA (*)

ANA ALEXANDRA CARVALHEIRA (**)

Porque é que actualmente na nossa cultura estamos a testemunhar uma proliferação de géneros? Poderemos definir concretamente os termos heterossexual, homossexual, masculino, feminino, macho e fêmea? Se não os podemos definir, porque não? Serão categorias unitárias? Se não o são, como podemos discutir a sua natureza peculiar? Encontramos meios de falar de todos estes elementos do corpo, dos genes à anatomia, do cérebro à psique, como inerentemente ou essencialmente maleáveis? Só quando tivermos resposta para estas perguntas teremos uma teoria do género e da sexualidade que tem em conta, adequadamente, tanto o corpo como a cultura.

(A. Fausto-Sterling, in "Is gender essential?", 1999, p. 57.)

INTRODUÇÃO

Os mundos relacionais e as relações entre as

(*) Psicóloga clínica. E-mail: m.joana.almeida@gmail.com

(**) Psicóloga clínica, a relizar pós-doutoramento no ISPA. Bolsa FCT SFRH/BPD/31215/2006. E-mail: ana_carvalheira@ispa.pt

peçoas, com os muitos significados que os discursos sociais criam sobre tal, têm tido um espaço de reflexão social e de investigação muito vasto: desde a religião às leis, às ciências sociais e biológicas, algumas áreas da medicina – endocrinologia, neurologia, genética molecular – ou pelos lados da sociologia, antropologia, ou história, entre outros, contribuem para a compreensão do que leva as pessoas a escolherem relacionar-se entre si.

No desenvolvimento das identidades individuais e relacionais, as relações dos sexos e dos géneros com a diversidade de comportamentos humanos – e com a linguagem disponível socialmente – levou a que encontrássemos e nos definíssemos segundo conceitos e expressões como: mulher/homem, feminino/masculino, heterossexuais, homossexuais ou bissexuais (lésbicas, gays, bissexuais – LGB), transexuais, intersexos, transgender; ou, mais invulgarmente, como queer, dyke, pansexual, pansensual, ambisexual, polissexual, queer-bissexual, androfilico, ginecofilico e ambifilico – entre um número crescente de categorias sexuais.

Milton Diamond (2002) refere como o termo sexo se relaciona com a estrutura anatómica e o termo *género* aos aspectos psicosociais do sexo, impostos ou adoptados socialmente – devendo os

construtos ser mantidos separados e claramente definidos na sua especificidade, para a melhor compreensão psicológica da identidade.

O desenvolvimento da identidade sexual pode ser encarado em três dimensões: a identidade de género, os papéis sexuais e a orientação sexual.

A identidade de género – o primeiro componente da identidade sexual – desenvolve-se entre o nascimento e os três anos de idade, e Green define-a como “a convicção básica do indivíduo acerca do seu sexo biológico” (Green, 1974; *cit in* Shively & De Cecco, 1993: 81). Nem sempre é congruente com o sexo biológico visível, pois ocasionalmente alguns rapazes têm a convicção de serem raparigas e vice-versa. Sabemos que, enquanto na identidade de género há um processo de auto-identificação, na identidade biológica há uma identificação pelos próprios indivíduos e pelos outros (Shively & De Cecco, 1993).

Na formação da identidade sexual, o segundo componente a desenvolver-se são os papéis sociais e sexuais, ou seja, as características culturalmente associadas com ser homem ou mulher – que através dos estereótipos são percebidos como as características masculinas ou femininas. Os papéis sociais estão muito associados à aparência, aos comportamentos, a aspectos de personalidade e ao que é esperado que uma pessoa pareça, aja ou se comporte, segundo determinadas normas culturais. Os papéis sexuais associam-se por sua vez, ao que se espera de uma “menina-menino”, evoluindo ao longo da vida, consoante as circunstâncias sociais.

O desenvolvimento destes aspectos encontra as suas bases a partir dos três anos, até cerca dos sete anos de idade, no entanto, não são processos estáveis e definitivos, pois a abertura cultural à diversidade possibilita hoje muitas mais flutuações no modo como as pessoas se identificam a si mesmas e as categorias que utilizam e que metamorfizam ao longo do tempo.

Assim, a identidade de género é a vivência privada do papel social e o papel social é a expressão pública da identidade de género (Money & Erhardt, 1972; Gomes & Marques, no prelo). Podemos encarar a identidade de género como um contínuo de masculinidade e feminilidade, como duas faces da mesma moeda (DeCecco et al., 1975; *cit in* Shively & De Cecco, 1993) ou como dois contínuos, um de presença ou ausência de masculinidade e outro paralelo de feminilidade.

Fausto-Sterling (1993) considera as categorias de masculino e feminino demasiado rígidas em relação à realidade humana e às possíveis variações da vida biológica humana, como os exemplos de intersexualidade, que apresentam uma variedade impressionante de cromossomas, hormonas e características genitais masculinas e femininas. Esta autora, que tem muito apoio e reconhecimento pelos movimentos activistas, gerou alguma controvérsia no mundo científico, pois rejeita a própria existência do género.

O terceiro componente da identidade sexual é a orientação sexual – a preferência por parceiros do sexo oposto, do mesmo sexo ou por ambos os sexos – que pode ser vista como tendo pelo menos dois aspectos essenciais: a preferência física sexual e a preferência afectiva. Há perspectivas bipolares da orientação sexual, de heterossexual a homossexual, ou ainda mais idiossincráticas e focadas na variabilidade da biologia à cultura, como defende Fausto-Sterling (1999).

Milton Diamond, um médico que se dedicou a investigar a identidade de género, afirma que a orientação sexual engloba várias dimensões da identidade sexual, identidade de género e papéis sociais, sendo as categorias de homossexual, heterossexual ou bissexual mais adequadas como adjectivos que como nomes, pois referem-se apenas ao sexo do parceiro com que uma pessoa prefere em termos eróticos, amorosos, afectivos e também com quem deseja ter comportamentos sexuais (Diamond, 2002).

Uma outra autora que se tem debruçado sobre a orientação sexual, Lisa Diamond, tem contestado o modo de estudar a sexualidade, particularmente a feminina, por se encarar a orientação sexual como a predisposição para experienciar atracção sexual por pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto ou por ambos; enquanto a identidade sexual é encarada como um auto-conceito que o sujeito organiza à volta desta disposição – a primeira com um desenvolvimento precoce, e a segunda a desenvolver-se desde a adolescência ou início da idade adulta, variando com o contexto social, histórico e cultural (Diamond, 2000).

A fluidez na identidade sexual demonstra-se na quantidade de mudanças longitudinais na identidade sexual, nas atracções e nos comportamentos, nas categorias de orientação sexual, em diferentes circunstâncias, com as atracções sexuais a demonstrarem mudanças frequentes. Ter comportamentos ou atracções homossexuais

não significará necessariamente ter uma identidade homossexual, pois os comportamentos e atracções são vividos pelo próprio como relativos às relações sexuais com parceiros do mesmo sexo, enquanto a identidade se relaciona com ver-se a si mesmo como homossexual (Davies & Neal, 1996).

A importância de diferenciar os comportamentos da identidade, advém da compreensão geral da população e das vivências pessoais em relação à homossexualidade: a maioria das pessoas não descreve a sua sexualidade de modo congruente com o seu comportamento e fantasias. Albuquerque afirma que para se usar o termo *homossexual*, a orientação sexual tem de estar presente de um modo estável e duradouro (Albuquerque, 2006).

A FLUIDEZ NO DESENVOLVIMENTO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL

As investigações mais recentes despertam para a desvalorização das mudanças no tempo, que se opera nas teorias do desenvolvimento da orientação sexual, como se a descoberta realizada de um self verdadeiro, através da transição de uma identidade heterossexual para uma identidade homossexual ou bissexual, não permitisse mais mudanças na identidade sexual, nas atracções ou nos comportamentos (Diamond, 2000). No entanto, há bastante evidência nos estudos da orientação sexual de que as mulheres, por exemplo, contradizem as identidades com que se designam e demonstram bastantes mudanças nas atracções sexuais ao longo do tempo (Weinberg et al., 1994; *cit in* Diamond, 2000), dando um papel de relevo à escolha, às circunstâncias e às mudanças na identidade sexual e nas atracções. Portanto, temos hoje presente e em pesquisa, a ideia de que a sexualidade da mulher é relativamente *fluida*, termo ainda não consensual, mas que se utiliza para referir mudanças longitudinais na identidade sexual, nas atracções e nos comportamentos (Diamond, 2000).

Lisa Diamond explora este conceito da fluidez na identidade sexual citando quatro estudos longitudinais sobre a orientação sexual, enquanto enfatiza a necessidade paralela de estudos prospectivos. Os que estão disponíveis têm pouca evidência empírica, pois apenas metade engloba mulheres na sua amostra (Pattatucci & Hammer, 1995; Stokes et al., 1997; Stokes et al., 1993; Weinberg

et al., 1994; *cit in* Diamond, 2000) e, principalmente, por não serem feitas avaliações que permitam uma comparação de dados de evolução nas dimensões da orientação sexual.

A criação dos modelos de desenvolvimento do *coming-out* (Cass, 1979; Coleman, 1981) levou à ideia de uma sequência linear de estádios que presumem que uma vez desenvolvidos e ultrapassadas determinadas tarefas, assumindo-se para si e para os outros como homossexuais, não há mais alterações – o que não está em concordância com alguns estudos do desenvolvimento da orientação sexual da mulher, em que a primeira identidade sexual minoritária não é a última e definitiva.

Assim, Rust (1992; *cit in* Diamond, 2000) confrontou-se, numa amostra de 400 mulheres adultas, com 75% das participantes que se consideravam bissexuais, mas que se tinham considerado a si mesmas lésbicas; e mais de 40% das que respondiam como lésbicas tinham-se considerado como bissexuais (Rust, 1992; *cit in* Diamond, 2000).

Também Laumann e colaboradores (1994) já tinham observado que a maioria das mulheres pertencentes a uma minoria sexual sentem atracções por ambos os sexos, em diferentes graus e certamente com diferentes significações subjectivas (Laumann et al., 1994).

No que concerne às atracções bissexuais, desde o desenvolvimento dos movimentos de defesa dos direitos gay, nos anos 70, que se notou que há indivíduos com tendência a assumirem identidades lésbicas ou gays, por falta de conhecimento da existência da identidade bissexual ou por alguns preconceitos nas comunidades lésbicas e gays em relação a tal identidade – o que se alterou quando as categorias identitárias começaram a possibilitar ambientes mais tolerantes e apoiantes da bissexualidade (Diamond, 2000).

É curioso notar que tanto no estudo de Rust como no de Diamond (anterior a este artigo mas já com a mesma amostra) há uma fronteira implícita nas identidades lésbicas e bissexuais: a maioria das lésbicas responde que mais de 75% das suas atracções sexuais se dirigem a mulheres, enquanto a maioria das mulheres bissexuais responde que menos de 75% das suas atracções é para com mulheres (1992, 1998; *cit in* Diamond, 2000). Lisa Diamond releva ainda o interessante facto – e inesperado – de que um quarto das lésbicas, na sua primeira mostra de 98, reporta um homem (com frequência o melhor

amigo da escola secundária) entre as suas atracções anteriores mais fortes, apesar de não demonstrarem atracções actuais por homens (Diamond, 1998).

Os resultados de Diamond, numa amostra de 63 mulheres no primeiro período (1998) e de 56 no segundo (2000), mostram estabilidade em 70% dos casos, embora haja alterações de mulheres que não se consideravam de nenhuma categoria para lésbicas ou bissexuais (11%), o inverso em 6% dos casos, movimentos de lésbicas para bissexuais e vice-versa em 4%, apenas 3 casos do total da amostra, enquanto das categorias de lésbicas, bissexuais ou inclassificável para heterossexual aconteceu em 5% da amostra (Diamond, 2000). Deste modo, a autora conclui que as mulheres contemporâneas pertencentes a minorias sexuais mostram uma estabilidade geral nas atracções sexuais e consistência entre estas atracções e os seus comportamentos; embora metade delas demonstre igualmente várias mudanças na identidade sexual e quase um quarto delas tenha tido contactos sexuais com homens. Tal leva a autora a afirmar que embora as atracções sexuais pareçam bastante estáveis, as identidades e os comportamentos são bem mais fluidos e diversificados (Diamond, 2000).

Em termos de identidade sexual, esta autora americana nota que metade dos sujeitos entrevistados alterou a sua primeira identidade adoptada, pelo que os modelos tradicionais de desenvolvimento do *coming-out* que encaram a adopção de uma identidade gay, lésbica ou bissexual como o ponto de chegada final da identidade sexual, estão a ter pouco em conta a duração e a variabilidade deste processo (Diamond, 2000).

Sendo assim, dada a maior visibilidade e aceitação das sexualidades minoritárias, especialmente ao nível da bissexualidade, a investigadora esperava uma maior estabilidade nos padrões de identificação – o que realmente foi confirmado nos resultados da sua pesquisa longitudinal. Enquanto na amostra de Rust (1993), as respostas de identificação bissexual que se identificavam posteriormente como lésbicas constituíam três quartos da amostra, na amostra de Diamond (2000) apenas um quarto das mulheres bissexuais o fizeram, o que mostra uma capacidade maior das *cohortes* posteriores para associar as atracções duais ao conceito de bissexualidade mais cedo no processo de *coming-out*.

Em termos de comportamentos sexuais, um quarto das mulheres jovens da amostra de Diamond (2000)

teve contactos sexuais com homens entre os dois momentos de entrevista. As inconsistências igualmente detectadas noutras amostras não podem ser interpretadas apenas como resultantes da pressão social para ter relações heterossexuais e maior estigmatização das relações com o mesmo sexo, pois surgem atracções esporádicas em mulheres que reportam atracções quotidianas por mulheres – os contactos com o sexo oposto sugerem efectivamente um interesse autêntico e verdadeiro, em vez da referida pressão social. Tal acontece mesmo em mulheres que mantêm a sua identificação como lésbicas, o que sugere que a sua capacidade para sentir atracção e ter comportamentos sexuais pelo e com o sexo oposto não justifica nem é suficiente para uma identificação como bissexuais.

Embora a amostra seja grande, não podemos deixar de notar a limitação decorrente do recrutamento ter sido realizado em actividades e organizações da comunidade LGBT americana, ou entre alunos de disciplinas universitárias sobre o género ou sexualidade, por conveniência, sem haver representação de sujeitos de meios rurais, de etnias minoritárias ou com estatuto socio-económico mais baixo (Diamond, 2000).

No que concerne às atracções sexuais, as mudanças que surgem têm uma magnitude pequena, significativamente maior no caso da bissexualidade e das inclassificáveis, do que propriamente nas lésbicas – o que leva Weinberg e os seus colaboradores (1994, *cit in* Diamond, 2000: 247) a interpretarem estes movimentos da sexualidade feminina como um potencial para experiências íntimas com ambos os sexos, mesmo se predominantemente mais interessadas num só sexo. Tal pode ser sinal de falta de estabilidade e finalização, no que toca à identidade sexual, manifesto através de várias transições na identidade e nos comportamentos ao longo da vida, que podem significar movimentos de aproximação e de afastamento em relação à identificação minoritária. Esta equipa de investigadores coloca a hipótese de que talvez os bissexuais, quer homens quer mulheres, tenham uma maior capacidade de experimentar atracções por ambos os sexos o que dará aos seus sentimentos subjectivos uma maior susceptibilidade de serem influenciados pelo ambiente (Weinberg et al., 1994; Pattatucci & Hammer, 1995; *cit in* Diamond, 2000).

A equipa de Margaret Rosario (2006), em Nova Iorque, realizou um estudo longitudinal com 156

jovens lésbicas, gays e bissexuais para analisar a consistência e as transições da orientação sexual. A autora parte da assumpção de que os indivíduos procuram a congruência, dentro das estimulações caóticas do meio, entre os afectos, as cognições e os comportamentos, tentando procurar o equilíbrio a partir da tensão psicológica das incongruências. Assim, os afectos e os comportamentos orientados para o mesmo sexo, podem levar o indivíduo a adoptar uma identidade homossexual congruente ou vice-versa. As incongruências entre a identidade homossexual e os comportamentos heterossexuais têm sido encaradas como transições entre as identidades homossexual e heterossexual, para eliminar a dissonância entre o comportamento e a identidade (Higgins, 2002, *cit in* Rosario et al., 2006).

Rosario e a sua equipa notam a necessidade de estudar o desenvolvimento da identidade sexual e as suas transições de modo longitudinal e prospectivo, e apontam os estudos de Diamond como pioneiros na análise dos percursos e da variabilidade sexual femininas (Rosario, 2006: 47). O trabalho de Diamond, juntamente com alguns estudos na população masculina homossexual (Dickson et al., 2003; Stokes et al., 1993-1997; *cit in* Rosario, 2006), revelou uma consistência considerável na auto-identificação sexual e nas atracções, tal como algumas mudanças ao longo do tempo. Nos casos masculinos, numa amostra de 216 homens bissexuais ao nível comportamental, com idades entre os 18 e os 30 anos, a equipa de Stokes (1997; *cit in* Rosario, 2006) descobriu que, ao longo de um ano, 49% deles não apresentava mudanças na orientação sexual, enquanto 39% se orientou mais em direcção à homossexualidade e 17% em direcção à heterossexualidade. Na investigação destes autores, publicada em 2006, as conclusões foram de que os jovens ou mantinham a sua identidade sexual como gays ou lésbicas, ou assumiam uma identidade homossexual, com o passar do tempo. No período anual em que decorreu esta pesquisa, os sujeitos que se auto-identificavam como homossexuais na avaliação de base, continuaram a fazê-lo nas avaliações seguintes (aos 6 e 12 meses); mas entre aqueles que se auto-identificavam como gays, lésbicas e bissexuais havia três vezes mais probabilidades de se identificarem (nas avaliações posteriores) como gays e lésbicas apenas, em detrimento da bissexualidade. Assim, no caso dos indivíduos que se identificaram como bissexuais inicial-

mente, 60 a 70% continuou como tal, com 30 a 40% a assumir uma identidade gay/lésbica com o tempo (Rosario et al., 2006: 51). Os investigadores concluem, deste modo, que há evidência de bastante consistência por um lado e, por outro, de mudanças na orientação sexual ao longo do tempo. A identidade bissexual é assim utilizada como transição para uma conseqüente homossexualidade, embora reste ainda um grupo que se mantém com uma identidade bissexual consistente. Contrariamente às conclusões de Diamond, as jovens lésbicas que participaram neste estudo não demonstraram maior fluidez que os jovens homossexuais e identificaram-se consistentemente mais como homossexuais, enquanto a bissexualidade não demonstrou diferenças de género na identidade sexual (Rosario, 2006).

DIFERENÇAS DE GÉNERO NO DESENVOLVIMENTO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL

Num processo de desenvolvimento multidimensional como é a orientação sexual, temos evidências de existirem diferenças de género, em algumas dimensões, embora haja igualmente estudos que não encontram diferenças significativas.

Herdt e Boxer (1993, *cit in* Savin-Williams & Diamond, 2000), com uma amostra de 202 jovens (27% do sexo feminino) encontraram a idade mais tardia da primeira categorização sexual aos 16 anos, a mais alta entre os estudos. Os sujeitos do sexo masculino demonstraram um início mais precoce dos comportamentos sexuais com o mesmo sexo, cerca de dois anos mais cedo que as raparigas, sendo os números médios, respectivamente de 13,1 anos e de 15,2 anos – apresentando portanto diferenças estatisticamente significativas. Os sujeitos do sexo feminino têm uma maior probabilidade de ter experiências sexuais heterossexuais antes de ter experiências com o mesmo sexo, havendo ainda uma proporção maior de rapazes a ter experiências exclusivas com o mesmo sexo. Estes autores concluíram sobre a existência de diferenças de género na sequência desenvolvimental, mas limitaram tal afirmação aos comportamentos sexuais heterossexual ou homossexual a ocorrer em primeiro lugar.

Ainda no mesmo ano, D'Augelli e Hershberger (1993; *cit in* Savin-Williams & Diamond, 2000) conseguem uma amostra de 194 jovens de ambos

os sexos e relatam que as raparigas têm consciência das atracções por pessoas do mesmo sexo numa idade mais tardia que os rapazes – o único estudo que mostra tal dado – respectivamente aos 11,1 e 9,8 anos de idade, uma diferença, neste caso, significativa. Esta pesquisa explora a duração de tempo entre os marcos desenvolvimentais: os jovens do sexo masculino apresentaram uma maior distância temporal entre as idades da primeira consciência e da auto-categorização, consistindo em 5 anos, enquanto nas raparigas foi de 4; e entre as idades da primeira consciência e da primeira revelação, de 7 anos para os rapazes e de 5 para as raparigas. Nesta amostra, 90% dos jovens já tinham experimentado actividades sexuais com o mesmo sexo, embora os rapazes tenham tido bastantes mais encontros. Não foram detectadas diferenças de género entre a auto-categorização e a revelação, para ambos de 2 anos, nem entre a primeira consciência e os primeiros contactos sexuais com o mesmo sexo (entre 4 e 5 anos).

De forma semelhante, a equipa de Bailey (1994; *cit in* Savin-Williams & Diamond, 2000) examinou as diferenças de género na orientação sexual em relação a: (1) preferências por relações sexuais descomprometidas, bem como no interesse em estímulos visuais; (2) importância subjectiva da fidelidade emocional e sexual; e (3) no valor percebido de características do parceiro (como a idade, a atracção física e o estatuto social). Em todos estes domínios as diferenças de género prevaleceram e, independentemente da orientação sexual, as mulheres demonstraram menos interesse que os homens em sexo descomprometido e estímulos visuais, atribuindo menor importância à idade e à atractividade do parceiro, e maior importância à fidelidade emocional.

Margaret Rosário (1996; *cit in* Savin-Williams & Diamond, 2000), na investigação já referida, os sujeitos do sexo feminino mostraram diferenças significativas nas idades em que primeiro consideraram e em que tiveram certezas da sua identidade sexual: 13,9 nos casos femininos, para 12,5 nos casos masculinos. Ao contrário do estudo de D'Augelli (1993; *cit in* Savin-Williams & Diamond, 2000), mas em consonância com o de Bailey (1994; *cit in* Savin-Williams & Diamond, 2000), não foram encontradas diferenças de género nas idades dos primeiros comportamentos sexuais.

Posteriormente, D'Augelli (1998; *cit in* Savin-Williams & Diamond, 2000) numa pesquisa lon-

gitudinal de 5 anos, não encontrou diferenças de género nos intervalos entre a primeira consciência e os primeiros comportamentos sexuais; com os rapazes a mostrar igualmente um número maior de parceiros do mesmo sexo que as raparigas. Os resultados mostraram significativamente mais raparigas que rapazes a identificarem-se como bissexuais na auto-categorização inicial e na avaliação actual. Os sexos divergiram na idade das primeiras auto-categorizações e na idade dos primeiros encontros com o mesmo sexo, tal como entre a duração de tempo a auto-categorização e a primeira revelação. Não houve, no entanto, diferenças de sexo no intervalo de tempo entre a primeira consciência e a auto-categorização e entre a primeira consciência e a primeira revelação. Para ambos os sexos, quanto mais precoce era a idade com que tomaram consciência, mais associada estava com uma auto-categorização e, nos rapazes, com um início de comportamentos sexuais com o mesmo sexo. Mais de 80% dos sujeitos relataram que as atracções sexuais precederam os comportamentos sexuais homossexuais (D'Augelli, 1998; *cit in* Savin-Williams & Diamond, 2000).

Na interpretação dos resultados do estudo conjunto de Savin-Williams e Diamond (2000), as jovens mulheres afirmavam significativamente mais identidades bissexuais que os jovens masculinos. Em termos de contexto das atracções sexuais, os sujeitos foram divididos em dois grupos: (1) emocional (atracções pelo mesmo sexo envolvendo apenas sentimentos emocionais) e (2) sexual (experiência com o mesmo sexo a envolver pensamentos explícitos com o mesmo sexo ou mesmo actividades sexuais). Os resultados revelam que os sujeitos masculinos apresentam mais significativamente um contexto sexual, enquanto as mulheres um contexto emocional.

Os resultados parecem oferecer maior relevância ao género do que à orientação sexual, e Peplau e colaboradores (2000) afirmam que a investigação deverá analisar causas separadas para a orientação sexual dos homens e das mulheres a partir das descrições fenomenológicas associadas à orientação sexual de cada género. Por conseguinte, Savin-Williams e Diamond (2000) recomendam a análise pormenorizada das experiências subjectivas e relativa importância percebida do desejo e das actividades sexuais explícitas, ou seja, do papel que os sentimentos e os comportamentos sexuais desempenham.

Um estudo mais recente foi realizado por Kinnish, Strassberg e Turner (2005) sobre a flexibilidade da orientação sexual comparando-a em homens e mulheres homossexuais, heterossexuais e bissexuais, numa amostra representativa da população geral, composta por 420 homens e 342 mulheres. Os autores avaliaram a orientação sexual relatada pelos sujeitos, na sua categorização da orientação sexual (gay, heterossexual ou bissexual) e nas dimensões da fantasia sexual, atracção romântica e comportamento sexual. Foram encontradas diferenças significativas nas mudanças das dimensões da orientação sexual dos homens e mulheres homossexuais e heterossexuais, mas curiosamente não entre homens e mulheres bissexuais. As mulheres lésbicas demonstraram maior flexibilidade que os homens gay nas três dimensões avaliadas, enquanto que as mulheres heterossexuais mostraram uma maior flexibilidade que a dos homens heterossexuais, mas apenas nas dimensões das fantasias sexuais e das atracções românticas. No grupo dos heterossexuais, não se encontravam diferenças em relação ao sexo, a nível dos comportamentos. Na avaliação das categorizações de identidade as diferenças entre os sexos eram significativas apenas entre homossexuais: as lésbicas tinham mais probabilidades de se terem previamente identificado como outra categoria (qualquer das disponíveis), mas não homossexual, sendo esta percentagem de 65%, e de 39% nos casos masculinos. Ainda se acrescenta que as mulheres que se identificavam como outra categoria de orientação sexual, na sua maioria, eram previamente heterossexuais, enquanto que os homens se moviam da bissexualidade. Note-se que os autores esperavam encontrar diferenças significativas nos homens e mulheres bissexuais, o que não aconteceu, confirmando portanto, em certa medida, as afirmações de que a bissexualidade como fenómeno biológico e social é diferente quer da heterossexualidade quer da homossexualidade (Blumstein & Schwartz, 1976; Klein, 1978; Rust, 2001; *cit in* Kinnish et al., 2005). Em conclusão, houve concordância nos resultados das proporções de sujeitos com comportamentos homossexuais, na idade média de primeira consciência e da primeira revelação; mas houve menos concordância nos resultados, nas idades médias das primeiras actividades sexuais com o mesmo sexo e na auto-categorização.

No entanto, surgiram resultados contraditórios no que toca às idades das primeiras consciencia-

lizações, actividades homossexuais e auto-categorização e, ainda mais relevante, foi a conclusão de que a sequência dos eventos tida em conta nos modelos de desenvolvimento da orientação sexual não era uniforme de estudo para estudo e se adequava ligeiramente melhor aos casos masculinos que femininos.

Savin-Williams e Diamond (2000) recomendam assim que se coordene e promova nas investigações sobre o desenvolvimento da orientação sexual, a avaliação dos tempos, contexto, espaçamento e sequência dos marcos desenvolvimentais, sem esquecer as diferenças de género nos comportamentos sociais e sexuais para que se possam interpretar e comparar dados a longo-prazo (Savin-Williams & Diamond, 2000). As diferenças de género, têm vindo a comprovar-se muito importantes em questões de comportamentos sexuais, do número de parceiros sexuais e da idade de iniciação – efectivamente mais relevantes como factores de diferenciação que a orientação sexual.

CONCLUSÕES

Estamos a viver uma época nova, com a visibilidade da diversidade social a conquistar os seus direitos de forma inigualável, pelo menos na história dos países ocidentais. A flexibilidade nas atracções, nas experimentações sexuais e nas identidades – a fluidez que revimos, que ganha muito apoio nas descrições subjectivas da sexualidade sobre orientação sexual de homens e mulheres – permite uma maior liberdade de escolha para as mulheres e de mudança no ciclo de vida. Nos casos masculinos, a maior exclusividade da orientação sexual pode reflectir uma maior rigidez social, em receber a diversidade das próprias escolhas individuais e subjectivas, mais humanas e diferentes entre si, que masculinas-femininas ou pré-definidas de algum modo.

As relações das pessoas consigo e os seus amores são certamente determinadas por muitas dimensões, influenciadas pelo meio, mas predispostas biologicamente, assim, na sua subjectividade individual, não serão separadas de um contexto social de inserção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, A. (2006). *Minorias eróticas e agressores sexuais*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Cass, V. (1979). Homosexual identity formation: A theoretical model. *Journal of Homosexuality*, 4, 219-235.
- Coleman, E. (1981). Development stages of the coming-out process. *Journal of Homosexuality*, 7, 31-43.
- Davies, D., & Neal, C. (1996). *Pink therapy – A guide for counsellors and therapists working with lesbian, gay and bisexual clients*. Maidenhead: Open University Press.
- Diamond, L. (1998). Development of Sexual Orientation Among Adolescent and Young Adult Women. *Developmental Psychology*, 34 (5), 1085-1095.
- Diamond, L. (2000). Sexual Identity, Attractions, and Behaviour Among Young Sexual-Minority Women Over a 2-Year Period. *Developmental Psychology*, 36 (2), 241-250.
- Diamond, L. (2003). Reconsidering “sexual desire” in the context of reparative therapy. *Archives of Sexual Behaviour*, 32 (5), 429-431.
- Diamond, M. (2002). Sex and gender are different: Sexual identity and gender identity are different. *Clinical Child Psychology & Psychiatry*, 7 (3), Special Issue July, 320-334.
- Fausto-Sterling, A. (1993). The five sexes. *The Sciences*, March/April, 20-25.
- Fausto-Sterling, A. (1999). *Sexing the Body – Gender Politics and the Constructions of Sexuality*. New York: Basic Books.
- Fausto-Sterling, A. (1999a). Is gender essential? In M. Rottnek (Ed.), *Sissies & Tomboys: Gender nonconformity and homosexual childhood*. New York University Press (pp. 52-57). Consultado a 23 de Setembro de 2006 na fonte: http://bms.brown.edu/faculty/fafs/pdfs/Is_Gender_essential_10.pdf.
- Gomes, F. A., & Marques, T. R. (no prelo). Determinantes biológicas da orientação sexual. In N. Monteiro Pereira (Coord.), *Medicina Sexual*. Lisboa: Editora Lidel.
- Kinnish, K. K., Strassberg, D. S., & Turner, C. W. (2005). Sex differences in the flexibility of sexual orientation: A multidimensional retrospective assessment. *Archives of Sexual Behaviour*, 34 (2), 173-183.
- Money, J., & Erhardt, A. (1972). *Man and woman, boy and girl: the differentiation and dimorphism of gender identity from conception to maturity*. Baltimore: Johns Hopkins Press.
- Peplau, L., Spalding, L., Conley, T., & Veniegas, R. (2000). The development of sexual orientation in women. *Annual Review of Sex Research*, 10, 70-99.
- Rosario, M., Schrimshaw, E., Hunter, J., & Braun, L. (2006). Sexual identity development among lesbian, gay and bisexual youths: Consistency and change over time. *The Journal of Sex Research*, 43 (1), 46-58.
- Savin-Williams, R., & Diamond, L. (2000). Sexual identity trajectories among sexual-minority youths: Gender comparisons. *Archives of Sexual Behaviour*, 29 (6), 607-627.
- Shively, M. G., & De Cecco, J. P. (1993). Components of sexual identity. In L. Garnet, & D. C. Kimmel (Eds.), *Psychological perspectives on lesbian and gay male experiences* (pp. 80-88). New York: Columbia University Press.

RESUMO

Neste trabalho pretendemos realizar uma revisão teórica das principais investigações sobre transições e flutuações na orientação sexual, dando especial relevo aos estudos de Lisa Diamond sobre as transições na identidade, comportamentos e atrações. Apresentamos ainda os resultados mais relevantes relativamente às diferenças de género na orientação sexual, que atribuem maior importância a estas diferenças do que propriamente às categorias de identidade sexual decorrentes da orientação sexual.

Palavras-chave: Orientação sexual, género, flutuações.

ABSTRACT

In this article we review the main research theory concerning sexual orientation, transitions and fluctuations, specially focusing on the Lisa Diamond studies on transitions between sexual identity, behaviour and attractions. Presented are also the most relevant results on gender differences in sexual orientation, which find these differences more significant than identity categories of sexual orientation.

Key words: Sexual orientation, gender, fluctuations.